



Seção Temática: Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro – Vida e Obra

CARLOS AUGUSTO: MESTRE E AMIGO CINCO DÉCADAS DE CONVÍVIO, UMA ETERNIDADE DE RESPEITO E ADMIRAÇÃO

*Carlos Augusto: Master and friend
Five decades of acquaintanceship, an eternity of respect and
admiration*

*Carlos Augusto: Maestro y amigo
Cinco décadas de convivencia, una eternidad de respeto y
admiración*

João Lima Sant'Anna Neto  

Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Tecnologia:
Presidente Prudente, São Paulo
lima.santanna@unesp.br

Resumo: Este texto é uma homenagem ao mestre e amigo Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, que por mais de 70 anos se dedicou à Geografia e à formação de jovens estudantes. Com uma rica, variada e extraordinária competência, criou modelos, propôs paradigmas, inovou na pesquisa e no ensino da climatologia. Defensor, que sempre foi, de uma Geografia unitária, porém plural, sem dicotomias e humanística. Sua obra é vasta, substantiva e incontornável. Por isto mesmo, muito já se tem escrito sobre a sua importância e seu papel na evolução do pensamento geográfico. Por estas razões, optei por homenagear o mestre e amigo, com um texto pessoal, fruto de nossa convivência por quase 5 décadas, em que relembro acontecimentos e atitudes que revelam o caráter e a personalidade do Carlos Augusto, que de tão querido e popular, sempre foi carinhosamente chamado de “Cacá”. Ofereço um texto fora dos padrões de um artigo acadêmico, mas que pretende trazer um pouco de outras facetas, com outros olhares sobre o mestre e amigo.

Palavras-chave: Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, Geografia, Climatologia.

Abstract: This text is a tribute to the master and friend Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, who for more than 70 years dedicated himself to Geography and the training of young students. With a rich, varied and extraordinary competence, he created models, proposed paradigms, innovated in the research and teaching of climatology. Defender, which he always was, of a unitary

but plural Geography, without dichotomies and humanistic. His work is vast, substantive and unavoidable. For this very reason, much has already been written about its importance and its role in the evolution of geographic thought. I chose to pay homage to the master and friend, with a personal text, the fruit of our coexistence for almost 5 decades, in which I recall events and attitudes that reveal the character and personality of Carlos Augusto, who, being so dear and popular, has always been affectionately called "Cacá". I offer a text outside the standards of an academic article, but which intends to bring a little of other facets, with other views on the master and friend.

Keywords: Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, Geography, Climatology.

Resumen: Este texto es un homenaje al maestro y amigo Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, quien durante más de 70 años se dedicó a la Geografía ya la formación de jóvenes estudiantes. Con una rica, variada y extraordinaria competencia, creó modelos, propuso paradigmas, innovó en la investigación y enseñanza de la climatología. Defensor, como siempre lo fue, de una Geografía unitaria pero plural, sin dicotomías y humanista. Su obra es vasta, sustantiva e ineludible. Precisamente por eso, ya se ha escrito mucho sobre su importancia y su papel en la evolución del pensamiento geográfico. Por ello, opté por rendir homenaje al maestro y amigo, con un texto personal, fruto de nuestra convivencia durante casi 5 décadas, en el que recuerdo hechos y actitudes que revelan el carácter y la personalidad de Carlos Augusto, quien, siendo tan querido y popular, siempre ha sido llamado cariñosamente de "Cacá". Ofrezco un texto fuera de los estándares de un artículo académico, pero que pretende traer un poco de otras facetas, con otras miradas sobre el maestro y amigo.

Palabras clave: Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, Geografía, Climatología.

Submetido em: 26/09/2022

Aceito para publicação em: 16/12/2022

Publicado em: 30/07/2023

1. INTRODUÇÃO

É fácil escrever sobre a vida e a obra de Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro. Difícil, é encontrar as palavras que sejam capazes de descrever e significar o seu legado como geógrafo, intelectual e ser humano excepcional.

Nos últimos 60 anos, gerações e mais gerações de estudantes e geógrafos conviveram com a presença física ou intelectual deste que foi um dos maiores geógrafos brasileiros.

Além de sua obra reconhecida e fundamental tanto no campo da Climatologia, quanto da Geografia e da Ciência de modo geral, não seria exagerado afirmar que se trata do mais querido professor, pesquisador e ser humano de nossa comunidade acadêmica. Não é por acaso que ele sempre foi carinhosamente chamado de “Cacá”

Escrever sobre sua obra seria redundante, já que todos a conhecem (e os que não tiveram ainda a oportunidade, não podem perder a chance de tomar conhecimento de sua vasta contribuição), por esta razão, optei por contar histórias de nossa convivência por mais de 45 anos, como um tributo e este que foi o mais importante geógrafo, amigo e conselheiro que jamais pude ter.

Ele esteve presente em minha vida desde o início da graduação e continuará frequentando os meus pensamentos até o fim dos tempos. Toda minha trajetória pessoal, no mundo universitário, teve forte influência de sua presença intelectual e como um amigo mais velho que aponta caminhos, que ensina como ultrapassar obstáculos e como lições de vida.

Assim, peço licença aos leitores para narrar fatos e acontecimentos de nossa convivência, como aluno e, mais tarde, como colega e amigo. Uma homenagem póstuma ao querido Mestre.

O ano era 1977, primeiro semestre. A turma era a do 2º ano diurno do curso de Geografia da FFLCH/USP. A disciplina era Introdução à Climatologia. O professor: Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro.

Na classe, um grupo de 80 jovens alunos ansiosos, aguardando a chegada do mestre. Já sabíamos de sua fama de excelente professor, criativo e inovador, mas bastante severo quanto ao desempenho dos estudantes.

De repente, entra em sala pontualmente as 14:00hs, um senhor esbelto, de olhos grandes, vivos e de um azul profundo, trajando um blazer lilás, camisa amarela, gravata roxa e um enorme anel de serpente em seu dedo anelar da mão direita.

Trazia consigo pastas de plástico recheadas com bloco de papel, caneta azul e vermelha, lápis preto e de cor, papel milimetrado, esquadro, régua e borracha. Enquanto distribuía para os alunos, avisava que era para ninguém apresentar a desculpa que não tinha material para realizar as tarefas.

Os alunos se entreolhavam espantados e, ao mesmo tempo, admirados pela gentileza e seriedade com que o professor lidava com a aula. Ninguém entrava em sala depois, nem saía antes dele. E não era porque ele proibia, mas porque ninguém queria perder um instante de suas aulas, que eram intensas, complexas e, até divertidas por sua empatia e enorme senso de humor.

Para o Carlos Augusto, cada aula era sagrada. A sala de aula era seu teatro, em que ele transcendia concatenando física, com música, literatura e filosofia. Antes de entrar em sala, tal como um artista esperando o momento de entrar num palco, ele se concentrava e se preparava como se fosse a primeira de sua vida.

Como esquecer um professor deste quilate? Como não admirar a sua dedicação e paixão pelo que fazia? A classe estava aos seus pés. Empolgada e, ao mesmo tempo, atônita e perplexa.

Alguns anos mais tarde, quando o Carlos Augusto ministrava a disciplina de Fisiologia da Paisagem, convidou-me e a outros 2 colegas de turma, para estagiarem no Laboratório de Climatologia, onde ele estava começando a desenvolver o projeto de pesquisa “Qualidade Ambiental na Área de Ribeirão Preto”, financiado pela Fapesp.

Era o início de 1980 e esta foi a sua primeira iniciativa em utilizar os princípios da abordagem geossistêmica em estudos físico-geográficos. Carlos Augusto tinha acabado de voltar de uma reunião da União Geográfica Internacional (UGI) na ex União Soviética e, estava entusiasmado com estas novas perspectivas metodológicas.

Figura 1 - Equipe do Laboratório de Climatologia. A partir da esquerda: Eduardo Luchesi, João Lima, Ada, Carlos Augusto e Pachoalino Chiachia.



Trouxe e traduziu os primeiros textos da escola soviética de Geografia, de autores como Sotchava, Snytko e Guerasimov. E este marcou o meu início nas pesquisas em climatologia, desenvolvendo um projeto paralelo, denominado “Ritmo Climático e Regime Geossistêmico na Área de Ribeirão Preto”, com bolsa da Fapesp.

Neste período de maior convivência com o Mestre, tive a oportunidade de conhecer melhor o ser humano, seu caráter e sua paixão contagiante pela Geografia.

Carlos Augusto, ao mesmo tempo que demonstrava ser uma pessoa doce, divertida e preocupada com as pessoas que o rodeavam, era intransigente com a qualidade, seriedade e responsabilidade na pesquisa.

Sofria com o excesso de burocracia na universidade, que limitava muitas de suas ações e, defendia profundamente a liberdade de pensamento, a diversidade dos métodos e uma meta-geografia plural, mas sempre pautada na qualidade e no interesse público.

Lembro-me que após cada etapa da pesquisa, que exigia muito trabalho de campo, sempre numa Kombi alugada com recursos da Fapesp e, magistralmente conduzida pelo colega Eduardo Luchesi, Carlos Augusto fazia questão de solenizar cada etapa cumprida, com vinho ou champagne, que ele fazia questão de comprar e pagar com seus próprios recursos,

não aceitando nossa contribuição, sempre afirmando que nós éramos jovens estudantes e devíamos usar o dinheiro para comprar livros ou ir ao cinema.

Este período de 2 anos (1980-1982) que durou a pesquisa, a relação com o Carlos Augusto sempre foi muito intensa, mas não desprovida de tensão. No Laboratório de Climatologia, ele era duro e exigente com os bolsistas e, muitas vezes perdia a paciência com nossos erros, típicos de estudantes em início de sua formação.

Um belo dia ele me chamou e disse: - *Mas como você pode cometer uma burrice destas?* Eu tinha entregue as primeiras cartas com as isoietas mensais, sazonais e anuais da Área de Ribeirão Preto. E ele havia notado que numa delas eu tinha cruzado duas isoietas de valores diferentes... imperdoável. Morri de vergonha.

Em compensação, sabia elogiar e ficava muito contente quando apresentávamos um trabalho bem feito e trazíamos alguma novidade sobre o projeto. Nestas ocasiões ele nos convidava para jantar, ou em sua casa ou em algum restaurante. Era ótimo cozinheiro e adorava receber as pessoas em seu apartamento na Rua São Carlos do Pinhal, em São Paulo.

Comecei a aprender a ler, interpretar e compreender a paisagem nos trabalhos de campo coordenados por ele. A sua capacidade de integrar, refletir e entender as diferentes camadas da paisagem era impressionante. Assim como, os seus esboços, que ele desenhava durante os percursos, mesmo com o chacoalho da Kombi, eram de um verdadeiro artista.

Num dos trabalhos de campo, no início de 1980, fomos dormir em Casa Branca, no interior de São Paulo, para realizar um mapeamento nas cuestas de Cajuru e Cássia dos Coqueiros. Logo no café da manhã, ao nos encontrarmos no salão do Hotel Coesa, o Carlos Augusto já tinha nadado, corrido e estava animadamente conversando com uma pessoa, que depois viemos a saber que se tratava de Sergio Hingst, famoso ator e diretor de cinema e de teatro.

Estava no hotel para filmar “Nicole”, um filme do tipo pornochanchada que era muito típico do período. A atriz principal era Nicole Puzzi e haveria cenas de nudez, a serem gravadas numa cachoeira na fazenda do Luis, um amigo do Carlos Augusto, que era geógrafo e morava perto de Casa Branca.

Ficamos todos excitadíssimos com toda esta história e queríamos ir na cachoeira para assistir a gravação. Carlos Augusto se divertia com nossa empolgação e conseguiu que o

diretor concordasse com a nossa presença. Foi o máximo. Esta história era sempre lembrada no Laboratório de Climatologia, e não perdemos a estreia do filme.

Numa outra ocasião, estávamos percorrendo a área rural perto de Luís Antônio, pequena vila entre São Carlos e Ribeirão Preto, e entramos na cidadezinha para uma pausa e tomar um café. Mas não havia onde... era tão pequena a vila que nem bar tinha. Andando um pouco pela pracinha, Carlos Augusto começou a conversar animadamente com uma senhora, e depois de pouco mais de 10 minutos ela já estava nos convidando para tomar um café na casa dela.

Esta era uma das qualidades do Carlos Augusto. Uma pessoa que conversava com todo o mundo, era capaz de dialogar sobre qualquer assunto, tinha curiosidade sobre tudo e fazia amizades com enorme facilidade. Sem preconceitos. Uma alma livre e leve.

Há muitas histórias sobre o Carlos Augusto e sua relação com o Departamento de Geografia. Presenciei algumas delas. Naquele período (década de 1970), a Geografia da USP coordenava duas instâncias acadêmicas. O Departamento, que a época foi dirigida pelo Prof. Pasquale Petrone, e o Instituto de Geografia, coordenado pelo Prof. Aziz Ab'Saber.

Não é o caso aqui de se aprofundar nas diferenças e disputas políticas entre estas duas instâncias, mas havia um clima de desconforto. O Carlos Augusto era Coordenador do Laboratório de Climatologia do IGEOG e, apesar de cumprir com muito esmero todas as suas obrigações de ensino, pesquisa e orientação de alunos, era constantemente admoestado pela chefia departamental, por causa de suas viagens, afastamentos e envolvimento com consultorias.

Certa ocasião, o Departamento não autorizou uma solicitação de afastamento para uma viagem, e ele ficou transtornado. Estava eu subindo a rampa do edifício de Geografia e História, a caminho do Laboratório de Climatologia, quando presenciei uma cena tensa, mas ao mesmo tempo divertida, do Carlos Augusto sendo segurado pelos professores Mario de Biasi e José Bueno Conti e, aos gritos, esbravejava contra o Prof. Petrone, que subia a outra rampa rumo aos gabinetes.... – *O senhor é um ditador... um Don Corleone dos trópicos*, berrava a plenos pulmões.

Mas ao mesmo tempo em que havia estes tipos de problema, o Carlos Augusto não deixava de elogiar e inclusive citava trabalhos do Prof. Petrone em seus estudos. Não misturava as questões institucionais com o respeito intelectual.

Terminado o projeto de pesquisa, o Carlos Augusto me incentivou a fazer o mestrado com ele. Fiquei contente, porém em dúvida se era isto mesmo que eu queria. Com o término da bolsa da Fapesp, eu havia começado a dar aulas e me empolgado com o ensino. Mas acabei aceitando e entrei no Programa de Pós-graduação.

Porém, em 1982, por conta do colega Clovis, que era docente na UFMS, campus de Aquidauana (MS) e que fazia pós-graduação no Laboratório de Climatologia, orientado pelo Tarifa, fiz o concurso para docente, passei e fui para o Pantanal. Acabei por desistir do mestrado. Em 1984, de volta a São Paulo, ingressei novamente na pós com o Carlos Augusto. Ele sempre entendeu e aceitou as minhas idas e vindas na profissão, sem julgamentos nem sermões. Mas dizia sorrindo que eu era um “menino perturbado”...

Entretanto, sem bolsa e com muitas aulas no ensino médio, acabei por desistir novamente do mestrado. Quando fui procurar o Carlos Augusto para conversar e comunicar a ele sobre minha decisão, ele me disse que eu deveria fazer o que meu coração manda, e ser feliz. Era realmente uma pessoa especial.

Em 1990, já na UNESP de Presidente Prudente, defendi minha dissertação de mestrado (que era o mesmo projeto que eu havia começado com o Carlos Augusto na USP) e dediquei o trabalho a ele. Não só por que neste trabalho estava tudo o que aprendi com o mestre, como era o reconhecimento de sua importância em minha vida, não só academicamente, como pessoalmente.

Durante alguns anos ficamos sem nos encontrar até que em 1992, fui a Florianópolis para me inscrever no concurso de professor em Climatologia na UFSC. Fui procura-lo e pedi conselhos. Na ocasião ele me disse: - *Você está bem na UNESP, uma universidade paulista, com a Fapesp para ajudar a financiar as pesquisas, já conhece quem é quem. Fique por lá... faça a diferença... depois de deixar um legado, vá para onde você quiser.*

Resultado, não fui fazer a segunda etapa do concurso (aliás, concurso este em que ingressou a saudosa e querida amiga Magali Mendonça).

Sempre que podia, ia a São Paulo e, depois a Campinas visita-lo, jogar um dedo de prosa, jantar em algum lugar agradável e ouvir as deliciosas histórias do mestre. Nunca sai destes encontros, ileso. Sempre uma novidade, uma ideia nova, um turbilhão de pensamentos.

Um dos momentos mais marcantes de nossa convivência ocorreu em 2004, no Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica que teve lugar na UFMT, campus de Rondonópolis. Nesta ocasião, Carlos Augusto seria mais uma vez homenageado. Entretanto, a conferência de encerramento foi marcada por uma cena bizarra e impensável. Um jovem professor da USP convidado a fazer uma das palestras, ao invés de trazer alguma contribuição, tentou desconstruir a obra do Carlos Augusto, da forma mais rasa e inconcebível, uma vez que este docente não tinha o menor estatuto intelectual para o fazer. Além de ter sido desrespeitoso e presunçoso.

Nesta ocasião, eu era o presidente da Associação Brasileira de Climatologia e, por esta razão, o responsável por fazer o encerramento do congresso. Minha indignação com a fala desastrosa deste docente era tal, que fiz uma fala emocionada e contundente da obra do Carlos Augusto e encerrei o evento, mostrando ao autor das críticas infundadas, a sua imaturidade acadêmica e sua atitude insensata.

O interessante é que o Carlos Augusto estava menos incomodado do que eu e outros colegas com o discurso extemporâneo daquele docente. Ele dizia que era coisa de jovem principiante e não ficou tão abalado. Mas mesmo assim, ele me disse que a partir daquele momento, considerava-me o seu defensor perpétuo. No que demos boas risadas... pois Carlos Augusto sempre soube se defender muito bem. Nordeste e homossexual, naquele período, a vida acadêmica nunca foi muito fácil para ele.

Carlos Augusto tinha um apreço muito especial pelos jovens estudantes. Era incapaz de recusar um convite, pois estava convencido de que eram a principal motivação para que pudesse continuar a disseminar a Geografia. Ele sempre foi recebido como um verdadeiro “pop star”. Os alunos faziam fila para tirar fotos com o mestre, que no fundo gostava muito de sentir o carinho e a admiração que lhe dedicavam.

Figura 2 - 7º Simpósio Brasileiro de Climatologia em Rondonópolis-MT, em 2006. Com alunos do GAIA



Quando eu fui diretor do Campus de Ourinhos da UNESP, os alunos de Geografia estavam organizando a Semana de Geografia de 2006. Sugeri que fizessemos uma abertura de alto nível, para consagrar o curso ainda iniciante. Os estudantes levaram a fundo a ideia e quiseram convidar nada mais nada menos do que o Carlos Augusto e o Aziz Ab'Saber. Disse a eles que seria difícil, pois o Carlos Augusto não estava mais aceitando participar de eventos deste tipo e o Aziz não estava bem de saúde.

Mas eles insistiram e eu disse que conversaria com o Carlos Augusto, já que tinha mais proximidade, e sugeri que eles entrassem em contato com o Aziz, pois eu sabia que um pedido de jovens estudantes teria mais chance de ser aceito.

Para nossa surpresa e felicidade, ambos aceitaram. Enviamos um carro para busca-los, em Campinas e em São Paulo. Ao chegarem a Ourinhos, ambos disseram que foi uma das melhores viagens que fizeram, pois fazia muitos anos que não se encontravam e aproveitaram as horas de estrada para conversarem animadamente.

A seção foi esplêndida e um privilégio ter dois grandes geógrafos numa mesma sessão. Os mestres estavam muito inspirados, o teatro municipal lotado, inclusive com a presença do prefeito municipal e alunos de Geografia que foram de Rio Claro, Presidente Prudente e Londrina para ouvi-los.

Figura 2 - Semana de Geografia da UNESP, campus e Ourinhos. Carlos Augusto, João Lima e Aziz Ab'Saber, 2006.



Em 2008, a organização do Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica, que ocorreu em Caparaó (MG) me convidou para fazer a conferência de encerramento. Fiquei lisonjeado, mas ao mesmo tempo preocupado, pois sabia que o Carlos Augusto estaria presente. A contribuição teórica que iria apresentar, incorporava uma crítica à Climatologia Geográfica, da qual, o Carlos Augusto foi o seu principal mentor. Tratava-se de uma proposta que incorporasse o clima como construção social. Estava tenso, receoso e preocupado sobre como seria a reação do Mestre.

A perspectiva de análise e a concepção de Geografia do Carlos Augusto sempre foi mais humanística do que sociológica. Por esta razão, ele sempre a considerou como a ciência dos homens e de seus lugares, interessava-se mais por como a organização da sociedade se relacionava com a natureza física e dinâmica do meio ambiente. Defendia a ideia de que os processos intrínsecos das relações sociais, não deveriam ser os catalisadores da análise geográfica.

Assim, a minha apresentação naquele evento, propunha exatamente a incorporação desta dimensão social na análise geográfica do clima.

Finda a palestra, Carlos Augusto veio do fundo do auditório e fez questão de me cumprimentar, deu-me um longo e afetuoso abraço e elogiou o meu esforço em apresentar algo novo e diferente. Fiquei extremamente agradecido por este gesto. Mas sabia que no fundo ele não concordava com a perspectiva teórica que apresentei, mas respeitava minha opção. Foi um ato de generosidade intelectual, que me tocou profundamente.

Figura 3 - 8º Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica, Caparaó-MG, 2008.



Uma das coisas que aprendi com o Carlos Augusto é a de que não devemos ter discípulos, mas procurar formar estudantes críticos, autônomos e com liberdade intelectual para buscar seus próprios caminhos. Por isto ele sempre dizia que nós que fomos seus alunos, deveríamos nos libertar do “fantasma” do Carlos Augusto, para combater o que ele chamava de “a angústia da influência”.

No final de 2008, ao me inscrever para o concurso de Professor Titular em Climatologia junto ao Departamento de Geografia da FCT/UNESP, sabendo que aos 80 anos o Carlos Augusto não participava mais de bancas de concursos, colocamos o seu nome como suplente, para que ele recebesse uma cópia de meu Memorial, como uma homenagem. Afinal ele foi a minha grande fonte inspiradora e referência acadêmica.

Para minha surpresa, ele me telefonou e disse: - *Quem falou que eu não queria participar de sua banca? Terei o maior prazer!* Fiquei muito comovido com este desprendimento e generosidade dele. Uma concessão.

Foi uma confusão para mudar os nomes da banca para incorporá-lo, e passar novamente nas instâncias burocráticas. Mas a sua presença e arguição neste concurso foram maravilhosas e teve um enorme significado pessoal.

Figura 4 - Concurso para Professor Titular. FCT/UNESP, Presidente Prudente, 2008. A partir da esquerda: Francisco Mendonça, Archimedes Peres, João Lima, José Bueno Conti, Eliseu Sposito e Carlos Augusto.



Carlos Augusto vinha sempre que podia a Presidente Prudente. Nem tanto pela universidade, mas por um grande amigo de sempre, o saudoso geógrafo Alvanir de Figueiredo. Aproveitávamos estes momentos para convidá-lo para alguma atividade, principalmente com os nossos alunos.

Numa destas vindas, em 2015, com a ajuda da colega Margarete Amorim e de nossos alunos do GAIA, Grupo de Pesquisa em Climatologia, organizamos uma homenagem ao Carlos Augusto, por sua trajetória acadêmica. Estava com 88 anos e foi a última vez que veio a Presidente Prudente.

Fizemos uma linha do tempo com todas as suas contribuições, organizamos uma apresentação sobre suas principais obras e ele nos brindou com uma palestra memorável.

Além disto, havíamos recentemente publicado um livro coletivo, sob a coordenação do Carlos Augusto, com os colegas João Afonso Zavatinni e Francisco Mendonça, sobre a sua contribuição a uma Climatologia Geográfica no Brasil.

Publicamos em duas versões, uma em português e outra em inglês, uma vez que a vasta obra de Monteiro não foi devidamente disseminada pelo mundo, pelas limitações da língua portuguesa.

Realizamos três sessões de lançamento, uma na USP, outra na UNICAMP e a seguir em Presidente Prudente.

Figura 5 - Laboratório do Grupo de Pesquisa GAIA, da FCT/UNESP em 2015. Docentes e alunos com Carlos Augusto



Carlos Augusto no GAIA e lançamento em Presidente Prudente do livro A Climatologia Geográfica no Brasil

Figura 6 - Última palestra do Carlos Augusto em Presidente Prudente, em 2015, quando já contava com 88 anos



A penúltima vez que nos encontramos foi durante o XII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação em Geografia, realizado em Porto Alegre no ano de 2017. Carlos Augusto, aos 90 anos, estava animado, pois neste evento uma de suas grandes contribuições, a obra sobre a Amazônia que ele havia escrito (ou cometido, como ele gostava de dizer, durante sua estadia no Japão) e havia ficado inédito por décadas, finalmente tomava a forma de um livro/atlas, graças ao esforço e dedicação do José Aldemir da UFAN e da diretoria da ANPEGE, presidida pela professora Dirce Suertegaray na ocasião. A obra Introdução à história da Amazônia brasileira foi editorada pela UFAM, e, financiada e publicada integralmente, pela ANPEGE.

Figura 7 - XII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, 2017. Carlos Augusto e a Diretoria da ANPEGE (Dirce Suertegaray, Charlei da Silva, Claudia Luísa Zeferino Pires e Cristiano Quaresma de Paula)



Nossos últimos encontros sempre foram agradáveis, porém já se percebia o quanto o envelhecimento causava um desgosto ao Carlos Augusto, tanto pelas limitações físicas, que a idade avançada lhe impunha, quanto pela solidão. Apesar de vários colegas e amigos que puderam estar mais próximos a ele neste período o visitassem com frequência, a solidão que ele sentia era aquela que a longevidade inexoravelmente causa, que é a partida de todos aqueles que conviveram com ele, principalmente os da sua geração.

Ele tinha todos os motivos para se orgulhar de sua trajetória acadêmica fecunda, original e de grande consistência intelectual. Deixou um legado admirável de publicações, de contribuições teóricas de mensagens inspiradoras aos jovens estudantes e uma legião de seguidores.

Mas, tinha perfeita consciência de que seu tempo estava se esgotando.

Em 1989 no Encontro Nacional de Estudos sobre o Meio Ambiente (2º ENESMA) realizado na UFSC, em Florianópolis, Carlos Augusto fez uma conferência em que anunciava a sua despedida da academia e afastamento da vida universitária. Porém, mal sabia ele, que nos 30 anos seguintes, viria a se transformar no geógrafo mais requisitado, homenageado e produtivo. É interessante notar que o maior reconhecimento acadêmico veio depois de sua aposentadoria na USP em 1987.

De 2018 em diante, não nos vimos mais. O trabalho na Reitoria da UNESP e, depois a minha mudança para Portugal não permitiu que nos reencontrássemos, mas falávamos com frequência por telefone.

Em nossa última conversa poucos meses antes de seu falecimento, ele atendeu ao telefone e eu disse: - *Olá Carlos Augusto. Aqui é o João Lima...* longo silêncio. Ele estava buscando na memória, que já fraquejava, quem eu era. Em seguida soltou sua risada inconfundível e disse: - *Ah! Meu menino perturbado... rsrs. Nunca se sabe por onde você anda!*

Estava perdendo a memória, mas não perdia o bom humor.

E é esta a imagem que quero guardar. Sua generosidade, delicadeza, senso de humor e a forma carinhosa de tratar as pessoas.

Figura 8 – Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro



Pessoas como o Carlos Augusto fazem muita falta e deixam uma lacuna impreenchível. Mas o que ele semeou floresceu e nunca será esquecido.

Partiu sem se despedir... sem fazer drama... deixou um vazio difícil de ser preenchido... mas a melhor forma que encontrei para homenageá-lo e fazer com que continue sempre presente entre nós, foi esta... contar um pouco de nossa história. Nós que aqui ficamos, teremos que encontrar uma maneira de superar sua ausência e a dor da perda. Mas, o céu,

está em festa. Ganharam uma pessoa maravilhosa e, certamente, por esta altura, deve estar tomando seu vinho, fazendo novos planos e encantando os anjos com sua genialidade, seu brilho e sua generosidade. Adeus Mestre.

LEGADO DE CARLOS AUGUSTO ÀS FUTURAS GERAÇÕES

Os que tiveram o privilégio e a oportunidade de conviver com Carlos Augusto, puderam presenciar o modelo de um intelectual, cientista e professor incomum.

Como intelectual, nos mostrou que é possível transitar entre a ciência, a literatura e a arte de forma a produzir novos conhecimentos convergindo a razão com outros sentidos que em geral, tem sido desprezado pela academia - a sensibilidade e a emoção, como em suas obras “O mapa e a trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas (Monteiro, 2002) ou os quatro volumes da “Rua da Glória” (Monteiro, 2015), em que narra a história do Piauí, a partir de fatos e acontecimentos inspirados em personagens de sua família.

Em ciência, Carlos Augusto nos instigou sempre a buscar a inovação, enfrentar desafios e a não se intimidar com os limites do conhecimento. De início, ao contestar a forma como a Geografia tratava a Climatologia, nos brindou com a “Análise rítmica em climatologia” (Monteiro 1971) e, poucos anos depois, em sua tese de Livre-Docência “Teoria e clima urbano” (Monteiro 1975”, apontou as enormes possibilidades de estudar o clima urbano numa perspectiva sistêmica e voltada para o planejamento territorial.

Numa de suas obras mais polêmicas “A Geografia no Brasil (1934-1977): avaliação e tendências” (Monteiro, 1980) Carlos Augusto nos indica caminhos para superar a ditadura do método, ou seja, nem sempre é possível desvendar a realidade a partir de um único método, sendo necessária a incorporação de análises pluri-metodológicas.

Talvez uma de suas obras mais complexas, em que busca na filosofia e na física elementos para a compreensão do clima como fenômeno geográfico em “Clima e Excepcionalismo” (Monteiro, 1991), encontramos uma profunda discussão sobre as várias dimensões do clima e suas possibilidades interpretativas.

Por outro lado, a preocupação com o ensino e seu interesse em levar um conhecimento complexo de forma mais didática aos estudantes, que é outra de suas importantes contribuições, Carlos Augusto nos oferece “O tempo e o clima” (Monteiro, 1971)

que é uma das mais criativas propostas de se entender estes fenômenos, na perspectiva do método construtivista.

Esta pequena amostra de suas valiosas contribuições serve para demonstrar que não podemos nos limitar a reproduzir o conhecimento, mas, avançar em busca de novas perspectivas de análise, novos enfoques originais e ter a capacidade de dialogar não somente com o mundo acadêmico, mas com os demais sujeitos sociais.

Carlos Augusto nos incita a defender a liberdade de pensamento, a inovar nas técnicas de análise, a ousar metodologicamente e a transgredir o estabelecido, na busca de uma meta ciência, na fronteira do conhecimento. Tudo isto, com muito preparo intelectual, com determinação e ética.

Não são poucas as lições do mestre. Que algumas delas inspire os mais jovens.

REFERÊNCIAS ESSENCIAIS

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. De tempos e ritmos: entre o cronológico e o meteorológico. **Revista Geografia**, p. 131-154, 2001.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. A interação homem-natureza no futuro da cidade. **Geosul**, p. 07-48, 1992.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **A Questão ambiental no Brasil: 1960-1980**. Série Teses e Monografias, 1987.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **A Geografia no Brasil (1934-1977): avaliação e tendências**. Série Teses e Monografias, p. 01-158, 1980.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **Derivações antropogênicas dos geossistemas terrestres no Brasil e alterações climáticas**. ACIESP, p. 43-74, 1978.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **O clima e a organização do espaço no estado de São Paulo: Problemas e Perspectivas**. Série Teses e Monografias, 1976.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **A análise rítmica em climatologia: problemas da atualidade climática em São Paulo**. Climatologia nº 01, p. 01-21, 1971.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **O tempo e o clima**. São Paulo: EDART/FUNBECC, 1971

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **A abordagem dos fenômenos climáticos no ensino da Geografia em grau médio**. Orientação, p. 17-24, 1967.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. Sobre a análise Geográfica de seqüências de cartas do tempo. **Revista Geográfica da Comissão de Geografia do IPGH**, p. 169-179, 1963.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **A questão ambiental na Geografia do Brasil**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2003. 49p .

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **O mapa e a trama** - ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002. 242p .

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **Geossistemas** - história de uma procura. São Paulo: Editora Contexto, 2001. v. 01. 154p .

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **O estudo geográfico do clima**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999. v. 01. 71p .

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **Rua da Glória**. Teresina: EDUFPI, 2015. 4 vol.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **Clima e excepcionalismo** - conjecturas sobre o desempenho da atmosfera como fenômeno geográfico. Florianópolis: Editora da UFSC, 1991. v. 01. 239p .

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **O Cristal e a Chama: Brasil 1500 – Volume 1**. 1ª Edição, Dourados (MS), Editora UFGD, 2013. 288 p.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **O Cristal e a Chama: Brasil 2000 – Volume 2**. 1ª Edição. Curitiba (PR), Editora CRV, 2014. 288 p.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo; SANT'ANNA NETO, João Lima; MENDONÇA, Francisco de Assis; ZAVATTINI, João Afonso. **A construção da climatologia geográfica no Brasil**. Campinas: Alínea, 2015, v. 1. 194 p.